



*Pensar para transformar o mundo*

cafecompaulofreire@gmail.com

## **EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE**

Janina Nina Antonioli<sup>1</sup>, Liana Borges<sup>2</sup>, Liése Serpa<sup>3</sup>,  
Márcia Terra,<sup>4</sup> Teresinha Sá Oliveira<sup>5</sup>  
Café com Paulo Freire Centro Histórico, Porto Alegre/RS<sup>6</sup>

**RESUMO:** As **Andarilhagens com Paulo Freire** estão no Café com Paulo Freire Centro Histórico POA/RS há um ano. Desde então, nossos encontros presenciais ou virtuais são mediados pela *Educação como prática da liberdade*, através da (re)leitura, mas em diálogo com os demais livros e, principalmente, com a conjuntura do país e com nossas experiências pessoais. Esta Carta Pedagógica contém três conteúdos que se complementam: o relato do processo de leitura realizado no Café, a síntese do livro, nossos achados teóricos e dicas para as/os leitoras/es.

**PALAVRAS-CHAVE:** Andarilhagens. Libertação. Método.

O projeto **Andarilhagens com Paulo Freire** chegou ao Café Centro Histórico de Porto Alegre (Café CH POA -RS) em uma data especial: 08 de setembro, Dia Internacional da Alfabetização, data criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa e de Língua Espanhola da Rede Educação de Porto Alegre. Trabalhou também na Rede Estadual do Rio Grande do Sul, como professora de séries iniciais, Língua Portuguesa e Língua Espanhola, formada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestra em Estudos da Linguagem pela mesma Universidade. Doutoranda na mesma área pela Instituição?. E-mail: nina.antonioli@gmail.com

<sup>2</sup> Professora aposentada da Rede de Educação de Porto Alegre. Especialista em Alfabetização na perspectiva da Psicogênese da Língua Escrita, mestre e doutora em Educação pela PUCRS. Assessora administrações públicas, universidades, movimentos sociais e UNESCO sobre Educação Popular e EJA. Representa o Café no CEAAL Brasil. Fundadora e Curadora da Rede Internacional Café com Paulo Freire. E-mail: lianaborges@cafecompaulofreire.com.br

<sup>3</sup> Socióloga, Arte educadora, Mestre em Saúde Coletiva. Experiências com criação de Políticas para Primeira Infância. Estudiosa da Educação Popular, Antroposofia e Pedagogia de Emergência. Mãe e Avó. E-mail: liesegomesserpa@gmail.com

<sup>4</sup> Mestre em Educação, Especialista em Administração Escolar, Educadora Popular, graduada em Ciências Sociais, professora aposentada da Rede de Educação de Porto Alegre. Consultora e Pesquisadora em Planejamento Educacional e das Relações Étnico Raciais nos currículos escolares. Mãe da Kizzy e do Mahal. E-mail: marterra\_@hotmail.com

<sup>5</sup> Pedagoga, Mestre em Geografia com Análise Ambiental, Experiências na implementação de Políticas de Educação Ambiental na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, Ambientalista, Aromaterapeuta, Produtora Artesanal de Cosmética Natural no Espaço Crias de Gaia, pesquisa e consultoria em revitalização de pátios e hortas urbanas e escolares e plantas medicinais. Atua junto a grupos de mulheres para geração de renda. E-mail: teregaia@gmail.com

<sup>6</sup> Este relato foi escrito coletivamente pelas componentes do Café com Paulo Freire do Centro Histórico de Porto Alegre: Adriana Tomiello, Celina Cabrales, Fernanda Poletto, Liana Borges, Liése Serpa, Márcia Terra, Marli Conzatti, Nina (Janina) Antonioli, Teresinha Sá Oliveira e Walquires Maciel.



(UNESCO), em 1967, com o objetivo de chamar a atenção para a presença do analfabetismo no mundo.

Ana Felícia (Madre Tierra) entregou para Liése (Café CH POA-RS) uma caixa contendo dezoito livros de Paulo Freire, todos publicados pela Editora Paz e Terra. Um tesouro recheado de esperança, alegria e luta-ética freireana! Livros que não somente passariam de mãos em mãos de mulheres-militantes que se juntaram no Café para estudar, pensar e mudar o mundo, mas que ficariam conosco como doação da editora. Uma caixa Andarilha para sempre!

De acordo com o planejamento da Rede Internacional Café com Paulo Freire, a dinâmica político-pedagógica das **Andarilhagens com Paulo Freire** fica a critério de cada Núcleo de Café, mas duas tarefas precisavam ser cumpridas: a (re)leitura de uma obra e algum tipo de registro sobre os seus sentidos e significados no contexto do Brasil atual.

Então, partindo da ordem cronológica dos livros, um a um foram designados aos Cafés de acordo com seus anos de criação. Como o nosso Café foi o primeiro (agosto/2018), o livro que nos coube foi *Educação como Prática da Liberdade* (1967), o 1º de Paulo Freire.

Uma primeira dica para quem vai (re)ler e refletir sobre este livro é compreender o contexto histórico, pois ele é o pano de fundo dos quatro capítulos escritos por Paulo Freire: o golpe militar de 1964 que obrigou Paulo Freire, e outros tantos intelectuais, a exilarem-se.

No Chile, país que o acolheu, Paulo Freire escreveu este primeiro livro, cuja conclusão se deu na primavera de 1965, porém, no Brasil só foi publicado em 1967. Sabe-se que Paulo Freire levou para o Chile apenas os rascunhos do livro, pois, obviamente, tinha receio de que os originais fossem apreendidos ou destruídos. Um tempo depois, foi Álvaro Vieira Pinto<sup>7</sup> que levou os originais até ele.

Em *Educação como Prática da Liberdade*, além de Vieira Pinto, Paulo Freire cita mais de cinquenta autores (Anísio Teixeira, Celso Furtado, Erich Fromm, Karl Popper, Simone Weil, entre outros/as). No prefácio, Francisco Wefford discorre sobre a relação entre educação e política e a necessidade da construção de uma pedagogia

---

<sup>7</sup> Álvaro Vieira Pinto também é uma referência para quem estuda, pesquisa ou trabalha na Educação de pessoas jovens e adultas. Sugerimos, por exemplo, a leitura de *Sete lições sobre educação de adultos*. Pinto é citado por Paulo Freire em muitos dos seus livros, inclusive em *Pedagogia do oprimido*.



## Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

para a liberdade, cuja base é o diálogo e o respeito aos saberes. Além de Wefford, Pierre Furter escreve a orelha e Thiago de Mello, a poesia *Canção para os fonemas da alegria*, que inserimos na íntegra, no final desta Carta Pedagógica, pela sua beleza e relevância político-pedagógica.

O livro fecha com um presente (o apêndice): as dez ilustrações do pintor brasileiro Vicente de Abreu, também exilado, que retratam situações existenciais, pois os desenhos de Francisco Brenan, utilizados por Paulo Freire nos Círculos de Cultura, foram censurados e confiscados pela ditadura militar.

Com grande repercussão na América Latina, esta obra contempla parte de sua tese do doutorado – *Educação e atualidade brasileira*<sup>8</sup>, escrita em 1959 como requisito do concurso para professor de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco.

Uma segunda dica é refletir sobre o título: *Educação como Prática da Liberdade*. Nos atrevemos a afirmar que a escolha destas três palavras – **educação-prática-liberdade** – carrega a síntese da filosofia da educação concebida por Paulo Freire. Se pudéssemos, desvendáramos, com profundidade, cada uma delas, porque mais que palavras são conceitos freirianos, mas deixamos a sugestão a quem nos lê: desvele-os. Aliás, mais uma dica, convidamos à reflexão sobre todos os títulos das obras do patrono da educação brasileira. Não é por nada que ele é o patrono!

Este livro tem uma contribuição histórica e emblemática, mas não datada, já que Paulo Freire retoma e aprofunda o tema do *Método de Alfabetização* nos seus próximos livros, apresentando-o no 4º capítulo (Educação e conscientização) e no apêndice uma primeira sistematização sobre o *Método de Alfabetização*; outros três capítulos compõem o livro (além do agradecimento aos sujeitos não alfabetizados; do esclarecimento aos seus companheiros, estudantes e ao povo; e do apêndice): 1) A sociedade brasileira em transição; 2) Sociedade fechada e inexperiência democrática; 3) Educação *versus* massificação.

### **Educação como prática de liberdade: síntese de um debate que não perece**

Na concepção freiriana de Educação, o respeito ao outro, à sua história e à sua cultura não são somente práticas éticas, mas constitutivas de uma proposta de transformação da realidade das pessoas oprimidas. Suas ideias nascem como uma

---

<sup>8</sup> FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.



## *Pensar para transformar o mundo*

cafecompaulofreire@gmail.com

das expressões de emergência política com as classes populares, cujas reflexões e práticas são dirigidas pela noção de movimento popular. O respeito aos saberes dos educandos e das educandas não se constitui hierarquicamente, mas como alicerce de uma educação comprometida com a conscientização enquanto tarefa histórica de resistência.

Nesse sentido, todo e qualquer ato pedagógico é um ato político, pois a liberdade, o respeito, o compartilhamento de saberes, de lutas e da vida são constituintes de uma Educação que seja significativa, que transforme, que dialogue e que, em suma, seja instrumento de emancipação das opressões sociais<sup>9</sup>.

No subtítulo “Esclarecimentos”, há um preâmbulo de conceitos fundamentais e a obra se organiza à luz desses fundamentos e do cenário imposto pela sociedade brasileira à época (meados dos anos de 1960, Golpe Militar e exílio de Paulo Freire).

A sociedade brasileira é retratada de forma “cambiante e dramaticamente contraditória” (FREIRE, 1987, p. 35). Paulo Freire afirma que não há Educação fora das sociedades humanas, pois não há homem (mulher)<sup>10</sup> no vazio. A transformação proposta por Paulo Freire parte de seu olhar sobre a sociedade, portanto, à Educação se coloca como um espaço em que o povo deixa de ser domesticado, dominado pelas elites, para ser um povo sujeito de sua história, descolonizado, com postura reflexiva e autorreflexiva.

Paulo Freire nunca pensou ingenuamente, pois reconhece que a elite econômica possui uma força cujo interesse básico é manter a alienação para não ameaçar seus privilégios. As elites, portanto, utilizam as iniciativas de “libertação como sombras”, chamadas de “perigosas subversões, massificação ou lavagem cerebral” (FREIRE, 1987, p. 36).

As elites, então, se apoderaram da ingenuidade do povo para domesticá-lo e depreciam essa parcela da sociedade. Expulsar essa “sombra” (FREIRE, 1987, p. 36), através da conscientização, é uma das tarefas fundamentais de uma Educação realmente libertadora e, por isso, respeitadora do homem (e da mulher) como pessoa.

---

<sup>9</sup> Debatedos, coletivamente, a “Canção para os Fonemas da Alegria”, do poeta Thiago de Mello. Esse encontro foi gravado e conduzido a partir de sua poeticidade e beleza, por nossa companheira Celina Cabrales.

<sup>10</sup> Paulo Freire falava em homem para se referir à Humanidade e usava o masculino para definir os nomes gerais, como era o comum de sua época. Porém, vale lembrar que em “Pedagogia da Esperança”, o educador assume seu machismo e passa a escrever (e falar) homem/mulher, educador/educadora. Sendo assim, vamos assegurar a questão de gênero entre parênteses, de agora em diante, como respeito à sua autocrítica.



No capítulo I - “A Sociedade Brasileira em Transição”, Paulo Freire apresenta o caráter existencialista da sua filosofia. Somos seres humanos de relação **com e no** mundo, **estar nele e com ele**, pois não somos somente seres de contatos. Tais relações trazem conotações de “pluralidade, transcendência, consequência, criticidade e temporalidade” (FREIRE, 1987, p. 39). Estar no mundo, portanto, resulta da abertura à realidade e à percepção de finitude, do inacabamento, na inconclusão.

Na medida em que o homem (mulher) perde a capacidade de optar, vai sendo submetido às definições alheias e suas deliberações não são mais suas, já não se integra: “acomoda-se e ajusta-se. O homem (a mulher) integrado é o homem (mulher) *Sujeito*” (FREIRE, 1987, p. 42). Contudo, no Brasil de hoje o homem (mulher) simples, do povo, é esmagado/a, é cotidianamente diminuído/a e acomodado/a, convertido em espectador/a passivo/a e dirigido/a pelo poder dos mitos, que o/a destroem e aniquilam.

Sem a capacidade de visualizar essa tragédia, de captar criticamente para intervir, o povo é levado pelo jogo das próprias mudanças, e manipulado. As sociedades estão em transição, “nutrindo-se de mudanças, o tempo de trânsito é mais do que simples mudança [...]. E, se todo o trânsito é mudança, nem toda a mudança é trânsito” (FREIRE, 1987, p. 46). Paulo Freire assevera que “o momento do trânsito pertence muito mais ao amanhã, ao novo tempo que anuncia, do que ao velho” (FREIRE, 1987, p. 47).

No caso do Brasil, o ponto de partida para o tempo de trânsito foi a sociedade fechada, comandada por um mercado externo predatório; alienada, antidualógica, ascendente, sem povo; com altos índices de analfabetismo e atrasada (FREIRE, 1987).

Paulo Freire evidencia que o processo de mudança da *transitividade ingênua* para *transitividade crítica* (FREIRE, 1987) somente terá êxito no trabalho educativo-crítico, reflexivo, construído **com** o homem (mulher) simples, do povo, que chegaria à sociedade em transição crítica, com uma postura radical e não passiva. Este processo não é resultado de um mero ativismo, mas de um comportamento reflexivo que não renuncia ao seu enraizamento diante do poder de grupos hegemônicos.

Portanto, a *transitividade crítica*, condição de uma sociedade mais humana, é aquela que a Educação é dialógica e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, para a profundidade na interpretação dos problemas, despindo-se ao máximo



de preconceitos, implicando no retorno à democracia e aos autênticos regimes democráticos.

No capítulo II - “Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática”, Paulo Freire preconiza que para compreendermos os avanços e os recuos de uma Sociedade em Transição, primeiramente temos que voltar à nossa história, às raízes e, principalmente, no caso brasileiro, à linha do tempo em que as marcas mais fortes continuam presentes e definem/reforçam uma identidade cultural no processo de busca pela liberdade e pela democracia.

Portanto, temos que entender o porquê e o significado de nossa inexperiência democrática. Analisar as marcas — e não subestimá-las — da sociedade fechada brasileira colonial, escravocrata, sem povo, e antidemocrática, nos faz compreender melhor o silêncio, a mudez de nossa gente e a constante luta pela democracia e soberania do Brasil.

O sentido marcante de nossa colonização, fortemente predatório, à base da exploração econômica do grande domínio, em que o ‘poder do senhor’ se alongava ‘das terras às gentes também’ e do trabalho escravo inicialmente do nativo e posteriormente do africano, não teria criado condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível, característica do clima cultural democrático, no homem brasileiro (FREIRE, 1987, p. 67, *grifos do autor*).

Por outro lado, ao longo da história brasileira, tanto o diálogo quanto o comum, próprio do que é do povo, não se instituem. Para o/a educador/a, a Educação transformadora e dialógica, então

não floresce em áreas fechadas, autarquizadas. Estas, pelo contrário, constituem um clima ideal para o antidiálogo. Para a verticalidade das imposições. Para a ênfase e robustez dos senhores. Para o mandonismo. Para a lei dura feita pelo próprio ‘dono das terras e das gentes’. [...] Continuamos, assim, a alimentar nossa inexperiência democrática e a dela nos alimentar. Com imposições. Com o desconhecimento de nossa realidade (FREIRE, 1987, p. 69, *grifo do autor*).

No penúltimo capítulo, - “Educação versus Massificação”, o mestre afirma que o problema crucial na sociedade brasileira se encontra no modelo de desenvolvimento econômico, pois pode ser ou não suporte à democracia, pensando, então, o desenvolvimento econômico como base para a construção de um projeto autônomo



de nação. Se assim fosse, Paulo Freire indagaria: *como não assustar as elites?* (FREIRE, 1987, p. 86).

A coletividade, o consentimento e a compreensão intelectual exigem outra sociedade e outra Educação, com os seguintes fundamentos (FREIRE, 1987): a) mudança como essência dos sistemas democráticos — flexíveis, inquietos, permeáveis; b) compreensão de que a massificação impede a leitura crítica sobre a própria vida e, com isso, impede decisões; c) fragilidade democrática como consequência de vários aspectos (sócio-históricos, idealizações, inexperiência, sociedade que não se participa da dinâmica democrática); d) rebelião não espontaneísta, sintoma de ascensão e introdução à plenitude; e) o saber democrático é essencialmente experimental.

A Educação deve ser corajosa, enfrentar discussões do homem (mulher) comum e de sua participação como direito, ou seja, deve levar a uma nova postura, repensando os problemas de seu tempo e de seu espaço, baseando-se no “eu me maravilho”, ao contrário de “eu fabrico” (FREIRE, 1987, p. 93), como repetição de ideias inertes.

A Educação deve ter sua base na pesquisa, substituindo a repetição perigosa e enfadonha de afirmações desconectadas de suas condições de vida, como orienta Paulo Freire:

Não seria, porém, com essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra milagrosamente esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe a experiência do fazer, que desenvolveríamos no brasileiro a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização. [...]. A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade” (FREIRE, 1987, p. 95).

O capítulo final, - “Educação e Conscientização”, fala sobre uma alfabetização como criação, em que o ato educativo é capaz de desencadear novos processos criadores.

A Educação é, portanto, capaz de colaborar para a transição de uma sociedade rumo à consciência crítica, na perspectiva da organização reflexiva do pensamento. Uma educação alienada, ao contrário, compreende o povo como uma massa, como instrumento, sendo que a Educação reflexiva promove a transformação do povo e o liberta. pois ela resulta em (de) um método ativo, dialogal, crítico e criticizador; na



modificação do conteúdo programático da educação e no uso de técnicas como a da Redução e da Codificação (FREIRE, 1987).

O método pedagógico de Paulo Freire implica no diálogo enquanto uma comunicação que “nutre-se de amor, da humildade, da esperança, da fé e da confiança” (FREIRE, 1987, p. 107).

Nessa perspectiva, o educador propõe que a alfabetização deva partir de *palavras geradoras*, advindas da realidade do grupo de alfabetizandos/as, que, decompostas em suas estruturas silábicas, propiciam, pela recombinação de seus elementos, a criação de novas palavras. Para tanto, aponta cinco fases (FREIRE, 1987):

1. levantamento do universo vocabular do grupo, através de diálogos, entrevistas e encontros informais;
2. escolha das palavras geradoras - são aquelas que apresentam “sentido existencial” e “conteúdo emocional” (FREIRE, 1987, p. 112);
3. criação de situações-problemas típicas do grupo de trabalho com o objetivo de gerar um diálogo reflexivo, a partir do “conceito antropológico de cultura” (FREIRA, 1987, p. 114);
4. nesta fase se dá a elaboração de fichas-roteiro que orientem o coordenador/alfabetizador/a em seu trabalho;
5. elaboração de fichas com a decomposição de famílias fonêmicas para a construção de novas palavras.

Como resultado da reflexão do Café do CH POA, sem esgotar os fundamentos filosóficos da teoria freiriana expressas em *Educação como prática de liberdade*, compartilhamos um achado: quatro ideias-forças que aparecem no texto de forma recorrente – **Diálogo, Conscientização, Transformação e Libertação**.

**Estas** quatro ideias-forças perpassam toda a obra e podem nos ajudar a responder duas questões: **O que faz uma educação ser libertadora? Quais seriam os pilares que sustentam uma ação educativa emancipadora?** Consideramos, também, que estas quatro ideias-força são estruturantes do pensamento do educador, e ele os reapresenta e aprofunda nas obras seguintes.





## Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

A ideia-força **Diálogo** (ou dialogicidade, dialogar, dialogal, dialogação e antidiálogo) aparece 73 vezes no texto; **Conscientização** (ou conscientizar, conscientizado, consciente, conscientizarem, conscientemente), 135 vezes; **Transformação** (ou transformar, transformadora, transformado, transformando), 40 vezes; **Libertação** (liberdade, libertadora, libertar-se), 70 vezes.

Como quarta dica, reflita sobre estas quatro ideias-força despojado/a de qualquer juízo de valor, já que uma não é mais importante que as demais; são interdependentes e complementares. Também não tente ordená-las, porque uma não vem antes das demais, pois “andam juntas”.

A quinta dica te convida a “brincar” com as quatro ideias-força, por exemplo: o verdadeiro diálogo é libertador; a libertação decorre e gera transformação; a conscientização é premissa para a transformação, mas a vontade de mudar o mundo alavanca a busca da consciência crítica. A sexta dica, te provoca a buscar/catar/encontrar as quatro ideias-força e a construir uma rede que apresente como Paulo Freire conceitua cada uma, bem como quantas possibilidades conceituais seriam possíveis.

Como exemplo de um exercício de reflexão, buscamos o **Diálogo** (ou dialogicidade, dialogar, dialogal, dialogação e antidiálogo), que aparece 73 vezes no texto, apenas em 3 passagens, e categorizamos no quadro que segue:

Quadro 1: Categoria Diálogo em *Educação como prática da liberdade*

Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente	Página 50	Diálogo como respeito à outra pessoa com quem dialogamos
O grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a “abertura” de sua consciência que, nas democracias autênticas, há de ser cada vez mais crítica.	Página 57	Diálogo x antidiálogo e democracia
A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.	Página 96	Diálogo como base para uma educação amorosa



## Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Desde este exemplo, retomando as perguntas – **O que faz uma educação ser libertadora? Quais seriam os pilares que sustentam uma ação educativa emancipadora?**

Recriar o seu pensamento, atendendo o pedido do educador, implica recolocar este livro de 1967 no contexto presente, atualizando-o nas nossas leituras, sobretudo como impulsionador das reflexões necessárias e urgentes, responde outras duas questões: uma, que fazemos a nós mesmos/as – O legado de Paulo Freire é atual? Não temos dúvidas que a resposta é *sim*, mas esta tarefa é nossa.

Outra, por que Paulo Freire é tão odiado pelos capitalistas e fascistas? Porque o cerne da pedagogia freiriana está na libertação dos/as oprimidos/as, em que a Educação se coloca como instrumento da construção de um novo modelo de desenvolvimento econômico, voltado para a garantia de ampla inclusão social, direcionado, portanto, para o desenvolvimento de políticas públicas capazes de assegurar ao povo os direitos humanos, superando, especialmente, a fome e a miséria extrema.

A dica derradeira: Por isso, a **Educação** (deve ser uma) **como prática de liberdade!**

Figura 1: Reencontro presencial do Café CH POA, em maio de 2022.



Legenda: Fernanda, Celina, Márcia, Odete, Liése, Marli, Liana, Teresinha, Nina e Walquires (faltou a Adriana). Fonte: Banco de imagens do Café do Centro Histórico, maio de 2022.

Este registro expressa a boniteza do encontro e do diálogo. Afinal, esta foi a primeira vez que nos abraçamos, e que nos reunimos em torno de todos os livros,



## Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

depois de 2 anos e meio de isolamento, decorrente da pandemia da Covid-19. Este reencontro expressa, ainda, o papel das **Andarilhagens com Paulo Freire** e a sua potência político-poética-pedagógica na constante luta por uma Educação como prática da liberdade. E por falar em liberdade, na poeticidade do Café CH POA, findamos com poesia de Thiago de Mello.

### Canção para os fonemas da alegria

#### Thiago de Mello

Peço licença para algumas coisas.  
Primeiramente para desfraldar  
este canto de amor publicamente.

Sucedo que só sei dizer amor  
quando reparto o ramo azul de estrelas  
que em meu peito floresce de menino.

Peço licença para soletrar,  
no alfabeto do sol pernambucano  
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,

e poder ver que dentro dela vivem  
paredes, aconchegos e janelas,  
e descobrir que todos os fonemas

são mágicos sinais que vão se abrindo  
constelação de girassóis gerando  
em círculos de amor que de repente  
estalam como flor no chão da casa.

Às vezes nem há casa: é só o chão.

Mas sobre o chão quem reina agora é um homem  
diferente, que acaba de nascer:

porque unindo pedaços de palavras  
aos poucos vai unindo argila e orvalho,

tristeza e pão, cambão e beija-flor,

e acaba por unir a própria vida  
no seu peito partida e repartida  
quando afinal descobre num clarão

que o mundo é seu também, que o seu trabalho  
não é a pena paga por ser homem,  
mas o modo de amar – e de ajudar  
o mundo a ser melhor. Peço licença  
para avisar que, ao gosto de Jesus,  
este homem renascido é um homem novo:

ele atravessa os campos espalhando  
a boa-nova, e chama os companheiros  
a pelejar no limpo, frente a frente  
contra o bicho de quatrocentos anos,  
mas cujo fel espesso não resiste  
a quarenta horas de total ternura.

Peço licença para terminar  
soletrando a canção de rebeldia  
que existe nos fonemas da alegria:  
canção de amor geral que eu vi crescer  
nos olhos do homem que aprendeu a ler.